O engenheiro aprende e se aprimora profissionalmente fazendo, projetando e interagindo com aquilo que projeta e com aqueles que procura atender. Muito embora não seja imediata essa compreensão, qualquer atividade intelectual do engenheiro (que posteriormente pode se desdobrar em um produto) é fruto de uma relação social, seja mais, seja menos explícita. Além disso, sua prática não apenas está ancorada em certa compreensão da realidade, como tem forte impacto na manutenção ou transformação do mundo em que vive e trabalha.

O ciclo de atividades que o CABS inaugura com a presente mesa-redonda tem por finalidade nos ajudar a compreender melhor as potencialidades e os limites sociais da prática profissional do engenheiro. Assim, se aquilo que buscamos com a nossa formação acadêmica enquanto engenheiros não é apenas êxito profissional, mas também a transformação do mundo em um lugar melhor, cabe-nos a pergunta: qualquer tipo de prática que possamos ter terá o mesmo resultado social? Ou haveria práticas melhores do que outras, em função das transformações que estamos buscando?

Para nos ajudar nesta mesa-redonda, o engenheiro eletricista e professor da FATEC de Jundiaí, *Francisco del Moral Hernandez* (EE-88), trabalhará o tema engenharia e transformação social. Segundo suas próprias palavras:

> O título é ambicioso, mas não pode ser fugidio. A engenheira e o engenheiro fazem parte, ou ao menos poderiam fazer parte, de transformações ou reformas sociais. Podem ajudar em muito na tentativa de codificação da linguagem e da ação técnica e podem desfazer alguns conteúdos ideológicos que supõem ser a tecnologia o elixir da longa vida e a panaceia para solução de todos os problemas.
>
> Mas será que é possível o engajamento do engenheiro em transformações sociais? Esse é um nó que será debatido em nosso evento. Partirei da exposição de uma experiência de assessoria a movimentos sociais e comunidades de ribeirinhos e indígenas que tinha o objetivo de decodificação de informações sobre o licenciamento ambiental e estudo de viabilidade técnico-econômica daquela usina hidrelétrica que é considerada a terceira maior do mundo, Belo Monte. Trata-se de empreendimento que está sendo construído em um dos trechos mais belos do rio Xingu e um dos mais cheios de diversidade.
>
> Foi uma experiência muito rica que permitiu conversa e análise dentro de um grupo cheio de diversidade também, composto por sociólogos, engenheiros, antropólogos, economistas, ecólogos, advogados, ribeirinhos, indígenas, movimentos sociais, historiadores, jornalistas, políticos, procuradores, juízes e até atores hollywoodianos.

Junto com o professor Francisco, a engenheira de alimentos e Pesquisadora do GAPI/IG UNICAMP, *Laís Fraga*, aprofundará os aspectos políticos da atividade do engenheiro, tendo como referência a realidade da sua área de formação própria:

> Quando pensamos na engenharia, quase nunca pensamos em uma atividade política. Frequentemente a consideramos como uma profissão técnica e isolada dos conflitos e questões políticas, sociais, ambientais etc. Minha contribuição nessa atividade terá o intuito de chamar a atenção para a necessidade de pensarmos as escolhas técnicas como negociações entre diversos grupos sociais com diferentes interesses e projetos de sociedade. Para isso, penso em compartilhar as minhas experiências de engenheira de alimentos que, através da pesquisa, da extensão universitária e da atuação com movimentos sociais, buscou trilhar caminhos alternativos a uma engenharia que desconsidera que vivemos em uma sociedade injusta e desigual.

A atividade acontecerá no dia **05 de novembro**, quarta-feira, na **FE-02**, das **12h30 às 14h**